

# A doutrina de Guerra Francesa e a campanha de 1940

*Heitor A. Herrera, Capitão.*

Em sua obra clássica — “Les transformations de la guerre” — COLIN documenta fartamente as suas conclusões a respeito da causa fundamental das transformações da fisionomia dos combates, das batalhas e do próprio conjunto das operações: o aperfeiçoamento das armas, a evolução dos meios materiais postos em jôgo no combate — sempre decidiram, através dos séculos, a sorte dos partidos em luta. E se outras causas concorreram para o maior ou menor sucesso dos cabos de guerra — aquelas sempre dominaram.

Vale a pena registrar, a propósito, a tese defendida pelo Cel. L. ROUSSUET (“Os mestres da guerra”), segundo a qual a constituição política e social das nações deva ser a causa principal de sua superioridade militar. Se na época em que foi escrita a obra de COLIN — 1911 — já seu ponto de vista encontrava forte apôio nos fatos, cremos que a atual campanha mundial veio dar-lhe foros de axioma ou, pelo menos, reduzir a de seu opositor às proporções de um erro de apreciação. Os sucessos iniciais da Alemanha nazista, a vigorosa reação das Repúblicas Soviéticas, a capacidade de resistência da democracia inglesa, a extraordinária mobilização bélica da democracia norte-americana — todo êsse panorama confuso do atual conflito permite concluir que, em que pese à superioridade de uma forma de govêrno sôbre outra, tem sido a preponderância industrial, gerando a preponderância do armamento, a responsável comum pelos sucessos dêste ou daquele partido.

Entretanto, se tal superioridade sempre desempenhou papel tão decisivo — como explicar que uma nação como a francesa, espicçada pela vizinhança incômoda da rival sedenta de desforra, levasse sua imperdoável cegueira ao ponto de permitir que a superioridade material inimiga pudesse culminar nas vitórias espetaculares da “blitzkrieg”? Como compreender que os sucessores de NAPOLEÃO adormecessem à sombra da Maginot, numa concepção de guerra que deveria levar, fatalmente, à hecatombe que nos estarreceu a todos?

A resposta é ainda COLIN quem a dá: “E’ o patriotismo — à primeira vista parecendo exercer uma influência insignificante sôbre o successo — que, em última análise, domina tudo. E’ êle que constitui e anima os exércitos, instrui os quadros, faz surgir os chefes. Quando êle começa a extinguirse em uma Nação, esta não tem mais do que a aparência da fôrça militar, mantendo, apenas, uma fachada mais ou menos brilhante, que ruirá ao primeiro choque”. Palavras proféticas que — teria COLIN sentido os sintomas da desagregação? — trinta anos mais tarde iriam explicar a fraqueza da produção, as semanas de 40 horas, o armamento antiquado e reduzido, o apêgo a processos obsoletos — numa palavra, a dolorosa hecatombe da França.

### O ASPECTO INTELECTUAL

Deixando de lado o papel decisivo que a superioridade material exerceu nos successos iniciais dos alemães — analisemos, mais de perto, o aspecto intelectual do problema. Em outros têrmos, procuremos as causas desta afirmativa do Cmt. F. O. MIKSCHÉ em seu discutido livro “A Guerra Relâmpago”:

“Por outro lado, se os franceses possuissem a superioridade material, as suas ideias antiquadas impedi-los-iam de alcançar qualquer êxito. Tôda a gente pode ver que êles não alcançariam Berlim tão depressa como os alemães alcançaram Paris”.

Se examinarmos, mesmo com os dados insuficientes que possuímos, as principais campanhas da presente guerra, verificamos, de pronto, a aplicação integral dos princípios que, desde NAPOLEÃO, constituíram o arcabouço da doutrina francesa. Apenas, como a guerra é “a barbárie multiplicada pela ciência”, novos meios e novos processos surgiram, desde a colaboração inestimável da propaganda, solapando o moral adversário — até o brusco progresso que os paraquedistas, os blindados e o avião introduziram nos princípios da surpresa e da oportunidade da ação.

Tal raciocínio permite concluir que a doutrina de guerra francesa, calcada em verdades tão verificadas, deveria orientar seus processos de ação segundo o ritmo acelerado que os novos meios impõem à conduta das operações.

Entretanto, a leitura atenta dos regulamentos e tratadistas franceses deixa perceber uma certa tibieza na aplicação dos princípios, uma prudência não raro exagerada nas prescrições regulamentares e até mesmo um certo conformismo ante a confessada inferioridade material, que transparece a cada passo, mesmo entre os mestres mais acatados.

A razão desta espécie de complexo de inferioridade talvez se encontre na própria objetividade que lhes orientava os estudos militares: “Nous ne préparons pas la guerre d'une façon abstraite; nous préparons spécialement une guerre, la guerre sur le théâtre du nord-est avec l'armée française contre le plus probable de nos adversaires éventuels: l'armée allemande.” (Général ALTMAYER — “Études de Tactique Générale”, pág. 32).

A rivalidade secular, a ameaça constante sobre a fronteira oriental, o perigo de toda hora, embuçado na outra margem do Reno — tudo isso, ao mesmo passo em que erigiu, penosamente, a linha Maginot, transmitiu aos textos dos regulamentos o reflexo do poderio latente do inimigo certo: “Par suite, il est probable que nos adversaires au début d'une campagne auraient sur notre armée la priorité des opérations” (Gen.

ALTMAYER, op. cit., pag. 33). Daí, aquela dose de prudência, aquela preocupação de segurança, da corrida para o obstáculo, que extravasam nos capítulos referentes à ofensiva.

Examinando, por exemplo, as missões de uma vanguarda, previstas no último regulamento francês para a infantaria, lá encontramos:

- reconhecer detalhadamente o terreno;
- interceptar qualquer comunicação entre a zona de progressão e o inimigo;
- constituir, no momento asado, uma frente defensiva, ao abrigo da qual o chefe disporá livremente do grosso de suas forças;
- identificar as zonas gaseadas ou infectadas;
- desembaraçar e reparar sumariamente as estradas.

Falta aí — a observação ouvimo-la do então Maj. TAMOIO — a missão precípua de uma vanguarda animada de intenção verdadeiramente ofensiva: repelir o inimigo.

O mesmo espírito se encontra no “Curso de Tática Geral”, professado na “École Supérieure de Guerre” pelo Cmt. CUKNIER; na análise do fator *terreno*, da decisão de um Cmt. de D. I. em marcha de aproximação, recomenda o autor que, logo após o estudo das facilidades de circulação, se devem verificar as possibilidades de proteção contra engenhos blindados, concluindo pela “recherche systématique des coupures...”; são após, é recomendado o estudo das possibilidades eventuais (sic) do combate.

Em uma conferência do Gen. NOEL, dissertando sobre a “tomada de contacto”, assim se expressa o ilustre chefe: — “Contra adversário em posição, a cavalaria e as vanguardas vêm tomar contacto sucessivamente no mesmo ponto. Contra adversário em movimento, ao contrário, a cavalaria é recalçada e reflui sobre as vanguardas”. Transparece, nítida, na afirmativa, a premissa de ser a segurança afastada do inimigo *necessariamente* mais forte.

Ainda na obra já citada do Gen. ALTMAYER, encontramos, explicitamente, esta conclusão: "Plus que jamais", (a frase foi escrita em 1937) "la mission des échelons de combat, pour les détachements de sûreté et notamment pour les avant-gardes, comporte la couverture, souvent de préférence à l'attaque..." (pag. 406).

As citações poderiam alongar-se, mas cremos que é lícito concluir, ante textos tão claros, de autoridades tão reconhecidas, que as ideias dominantes encerram um fundo nitidamente defensivo. Em outras palavras: que a superioridade material do inimigo provável gerou a preocupação de apagar os golpes, ao invés de desferí-los; criou a mentalidade da proeza sistemática dos obstáculos, para manter-lhes a posse, tirar partido deles, como tentou, inútil e desesperadamente, aquêle infeliz IX Exército do Gen. CORAP, em maio de 1940, na linha do Mosa, enquanto as "panzer" rolavam através das Ardenas, num fragor de avalanches. *Os reflexos da guerra de 14-18.*

Independente da influência que a reconhecida superioridade material do inimigo deve ter exercido sobre a mentalidade dos chefes, é muito provável que, como querem alguns, a forma geral da guerra de 14-18 tenha deixado, no espírito dos combatentes, reflexos falsos.

Em verdade, salvo movimentos de acanhada envergadura, a guerra se resumiu, para os franceses, em 4 anos de estabilização.

Além de ter sido apanhado de surpresa, como em 1940, pela manobra envolvente do adversário, estava o exército francês em uma fase aguda de evolução.

Na 3.<sup>a</sup> Sec. do Estado Maior do Exército, o Cel. GRAND-MAISON abriu luta contra o que prescrevia o regulamento de 1895, sobre a conduta do combate; uma febre de ofensiva "à outrance" agitava os quadros superiores. Nesta altura, a guerra estalara e o espírito do novo regulamento — ainda pouco difundido — apenas pôde esboçar-se na malograda ofensiva de leste. Vieram, então, as penosas manobras em retirada, até o

“on ne passe pas”; depois, a simultânea corrida para o mar, na tentativa inútil do desbordamento; finalmente, o retorno ofensivo, mas já então dentro de um ambiente acanhado, conseqüente da longa fase de estabilização. A manobra apenas era possível no domínio da estratégia; taticamente, o problema se resumia em duros ataques frontais, partindo de posições que, havia quase 4 anos, se defrontavam.

Tôda aquela engrenagem complicada — aproximação, tomada de contacto, engajamento e ataque — que faz do combate ofensivo a forma mais difícil das operações táticas, ficou resumida na custosa reunião de meios, atrás da frente constituída, e no ataque de ruptura frontal. O trabalho inicial da cavalaria, ousadamente lançada em exploração; o papel das vanguardas, na penosa marcha contra um inimigo que mal se sabe quem é e onde está; a ação do Chefe, desdobrando seus meios para ser o mais rápido e o mais forte; tôda essa movimentada série de operações, onde a superioridade intelectual se afirma e as virtudes guerreiras mais duramente se aprimoram — mal teve oportunidade de esboçar-se, no cenário monótono da luta parada; subindo mais de escalão, o aspecto dinâmico é igualmente sem expressão, pois que as manobras de ala estavam irremediavelmente condenadas a priori, pela ausência de flancos.

A sistemática repetição das ações de ataque, partindo de uma linha estabilizada, deveria fatalmente crear reflexos que não se podem ajustar às outras formas de combate ofensivo. E' como se — ressaltada a vulgaridade da comparação — um saltador se exercitasse, exclusivamente, no salto sem impulsão. Faltará ao atleta, como faltou às ações, o elemento *velocidade* que, aliado à *massa*, daria origem à *quantidade de movimento*. Daí, o perigo em generalizar conclusões que, verdadeiras para um determinado caso, podem conduzir a resultados funestos, desde que applicadas fora do ambiente particular que as propiciou.

Um exemplo que nos parece frisante, a respeito, está numa relação que a experiência da guerra de trincheiras sobejamen-

te ratificou: “um ataque tem sua profundidade limitada a uma distância praticamente igual à metade da frente atacada”; surgiram, daí, as célebres bôlsas em semi-círculo, tão comuns na guerra passada.

Que esta relação fosse verdadeira para os meios da época — é fora de dúvida. Também tempo houve em que a *aproximação* começava à vista do inimigo, dada a falta de meios com que hostilizá-lo de mais longe; posteriormente, a artilharia afastou o limite inicial da fase para 5 Km., logo aumentado, numa progressão ininterrupta, até que a aviação, destruindo violentamente a noção clássica da *segurança*, encurralasse as marchas de etapa dentro dos períodos de tensão política.

Com a célebre relação entre a largura da frente e a profundidade do ataque, parece que a evolução foi semelhante — o que viria, ainda uma vez, confirmar a inanidade das fórmulas em ciência tão complexa. A realidade é que, antes do advento da moto-mecanização, o apôio aos ataques era feito, exclusivamente, de uma base fixa, onde os órgãos de fogo se desdobravam; mas a progressão do escalão atacante conduzia, fatalmente, a uma fase crítica, quando as alças da artilharia atingiam seus limites e a mudança de posição se impunha, com o conseqüente hiato na proteção; novo sistema era necessário então montar, para que o ataque fosse retomado.

Amarrado, assim, a uma base parada, expondo flancos que se tornavam, com a progressão, cada vez mais extensos — o ataque partia com um limite fixado a priori. Mas os tempos mudaram e a velocidade voltou a imperar, como na época da epopéia napoleônica. Era necessário, pois que o fogo continuasse, com a mesma intensidade, a apoiar e proteger o escalão de ataque. E o canhão e a metralhadora passaram a rolar, então, dentro dos próprios engenhos blindados, confirmando, agora integralmente, o velho aforismo: “o ataque é o fogo que avança.”

Entretanto, os reflexos ainda reagiam. Ao anoitecer de 13 de maio de 1940, a cabeça de ponte dos nazistas, no Mosa,

tem 10 Km. de profundidade e alcança Mézières. Adivinha-se a derrocada, iminente, irremediável. Mas na tarde de 14, o Conselho Supremo de Guerra Aliado, reunido em Paris ouve, de seus peritos, a informação tranquilizadora: a bolsa alemã não poderia aprofundar-se muito, pois que, com a linha Maginot de um lado e, de outro, a praça de Namur, mantida firmemente, estava o ataque estrangulado em largura, reduzido a uma frente de 50 milhas. . .

O resultado passou à história com o nome de Dunkerke — tranquilo pôrto a 300 quilômetros da linha Maginot — antes que o mês de maio findasse.

#### CONCLUSÃO

Antigos e constantes admiradores da França eterna, do fulgor de seus genios e do clarão de epopéia de seu passado; familiarizados com a elegância e clareza de seu espírito, que iluminou o mundo durante séculos; estudiosos de suas obras, que nos orientaram e esclareceram; discípulos de sua doutrina de guerra, que nos veio através da palavra de seus militares mais ilustres — todos nós assistimos, estarecidos, à queda do ídolo. Na confusão da hecatombe, ofuscados pelo esplendor, pela potência, pelo “savoir faire” do adversário, uma onda de descrença nos invadiu: todo um sistema laboriosamente arquitetado ruia num fragor de arcabouço solapado.

Passada, porém, a estupefação das primeiras notícias e estudados, com vagar, os elementos que nortearam o emprêgo da formidável máquina nazista — foi-se acentuando a convicção de que tudo se resumiria na aplicação metódica, com meios poderosos, dos velhos princípios que o genio napoleônico codificara, há mais de um século, nos campos de batalha de tôda a Europa.

Hoje, como outrora, quando os veteranos do Exército da Itália ganhavam batalhas com as pernas — a velocidade permanece soberana, mantendo-se inalterável o princípio da sur-

presa. "Il faut préférer la foudre au canon toutes les fois qu'on le peut", aconselhava o Mestre.

Igualmente imutável, o princípio da concentração dos meios e dos esforços reafirmava-se em todos os pontos: "La première de toutes les règles est d'être le plus fort", pois que "la victoire est surtout une affaire de force".

E através de todos os outros, do princípio da segurança ao da economia de fôrças, chegamos à constatação do mais flagrante de todos: "Só a ofensiva conduz à vitória".

Infelizmente, da teoria à prática há mais de um passo. E a arte e a ciência da guerra são instrumentos da política, sua própria continuação por outros meios, como afirmava CLAUSEWITZ. Dêste modo, as origens da preparação bélica de um povo são, em última análise, consequência do espírito que o anima, em que pese à sabedoria de sua doutrina militar.

"Há causas gerais — escrevia MONTESQUIEU no século XVIII — que agem sôbre cada monarquia, a elevam, mantêm ou precipitam. Todos os acidentes são submetidos a causas, e se a eventualidade de uma batalha, isto é, uma causa particular, arruina um Estado — é que havia uma causa geral que fez com que êste Estado devêsse perecer em uma única batalha".

E é depois de citá-lo, que COLIN conclui, melancolicamente: "MONTESQUIEU não revela o nome desta causa geral, mas nós a conhecemos: é o declínio do sentimento nacional."